

# Prefácio

## Sob o signo do som e do fluxo

Moisés de Lemos Martins \*

1. Talvez a figura do fluxo constitua a melhor chave de compreensão do ensaio *O apelo do objecto técnico*. O fluxo é uma metáfora da vida, tendendo ambos, fluxo e vida, a desenvolver-se na tensão entre equilíbrio e desequilíbrio. Os fluxos fazem corrente e as correntes vivem da duração. Não são traços ou linhas que substancializem e reifiquem o movimento, ou que fixem e rigidifiquem a vida. As vivências e as experiências são fases da corrente que é a duração de uma vida.

O fluxo que faz corrente pode ser regato, ribeiro, rio ou mar, aliás como a vida, que chega a ser levada abundante, mas também fluxo brando, e mesmo fluxo de fio de água, extenuado. De certos fluxos se pode dizer que rebentam em fartos borbotões, que misturam águas e ganham força, ou então que abrandam, para logo retomarem vigor, ou para se diluírem e mesmo se extinguirem. Os fluxos podem jorrar às golfadas e em esguiche, em movimento rápido ou lento, em volume caudaloso ou delgado. Dos fluxos também se pode dizer que têm cadência, a cadência certa, ou então uma cadência hesitante, e ainda uma cadência tumultuosa. Fluir ao “ritmo da vida” (Maffesoli) é viver nuns casos energicamente, e noutros quase desfalecendo. Um fluxo vive de impulsos, sendo pois do domínio da descontinuidade. A continuidade de um fluxo não nos garante a estabilidade. Qualquer equilíbrio conseguido encontra-se sempre ameaçado de instabilidade. O *continuum* do curso de

\* Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho: moisesm@ics.uminho.pt; moiseslmartins@gmail.com

um fluxo (de uma vida) é, pois, uma abstracção, uma substancialização, uma reificação. Podendo ser sempre palpitante, o equilíbrio do curso de um fluxo não pode deixar de ocorrer no meio de um turbilhão (no meio do tumulto da vida). Alfred Schütz, leitor de Bergson, assinala que existe no fluxo uma “energia potencial”. Pois bem, aquilo que anima *O apelo do objecto técnico* é a vibração deste energetismo.

2. A figura do fluxo convive bem com a figura do som. Quer o fluxo quer o som não têm centro e ambos participam do ser ilimitado para que remete a intransitividade dos verbos fluir e ressoar. Fluxo e som são as figuras maiores de *O apelo do objecto técnico*, um ensaio que vive segundo o paradigma do tempo e da audição, e não do espaço, nem da visão. O paradigma acústico, auditivo, é o paradigma do tempo, com sons, ressonâncias, durações, vibrações, ritmos, cadências, modulações. O paradigma visual é o paradigma das substâncias, das coisas e dos estados de coisa, afinal o paradigma do espaço e do território. Para falarmos como McLuhan, o paradigma visual projecta um espaço euclidiano: um espaço enclausurado, controlado, linear e estático, abstraído do mundo que o rodeia. Em contrapartida, o *objecto técnico* (dado o seu “sex-appeal”, diz Perniola) não se fixa em nenhum território. Um território remete-nos para estabilidades, para coisas ou estados de coisa, como referi. Em fluxo, o “objecto técnico” nada tem, todavia, de um espaço euclidiano, é um objecto desterritorializado, um objecto em devir, sem centro, apenas com memória e duração.

3. Animada por Deleuze e Simondon, a proposta que José Pinheiro Neves nos faz neste ensaio interroga a “realidade da técnica” (Heidegger), não os objectos técnicos, estabilizados como coisas num espaço. A realidade interrogada é a hibridez da técnica, ou seja, é a técnica como animal (“espécie animal”, nas palavras de José Pinheiro Neves), é a liga que mistura orgânico e não orgânico, é o híbrido de humano e não humano, o híbrido de sensibilidade e inorgânico. Neste entendimento, o humano não contraria o não humano em termos substanciais. Por essa razão há quem o identifique com o pós-humano. Podemos dizer que esta arrojada proposta de sociologia da técnica assinala aquilo a que Perniola chama a versão egípcia da nossa cultura, uma atenção dada ao inorgânico no humano. A figura da “individuação técnica”, que José Pinheiro Neves toma de Simondon, Deleuze e Stiegler, resume, com efeito, esta ideia de o mundo mineral poder ser alimentado pela excitação de uma inversão. Através dessa inversão, os seres humanos são percebidos como coisas e as coisas, por sua vez, são vistas como seres vivos. Sabemo-lo desde Hegel, os egípcios foram na antiguidade o povo que além de reificar o humano atribuiu sensibilidade às coisas.

A figura da individuação também se estende àquilo a que José Pinheiro Neves, no seguimento de Deleuze, chama “agenciamentos”. Um agenciamento remete para as ligações humanas, produ-las e produz-nos através delas. Um agenciamento técnico, por exemplo o agenciamento homem-computador (por onde circulam fluxos de luz, som e sensibilidade), passa pelos corpos, pelos objectos e pelos enunciados, tal um fluxo, e produ-los como seres híbridos.

4. *O apelo do objecto técnico* assinala, por outro lado, a deslocação do paradigma industrial para o paradigma informacional, sendo a informação fluxo de som, luz e sensibilidade. Nas palavras de Lash, o paradigma industrial é narrativa, discurso, monumento e instituição, ou seja, sintetizando, coisa e estado de coisa. Em contrapartida, ainda segundo Lash, o paradigma informacional é fluxo, modulação, disjunção, relação em tempo real.

Ao assinalar esta deslocação da cultura para o paradigma informacional, quero dizer, para o fluxo de som, luz e sensibilidade, a proposta de José Pinheiro Neves vive mais de Virilio, Deleuze, Haraway, McLuhan e Benjamin, do que de Giddens ou Castells, que todavia também o acompanham neste percurso. Podemos dizer, com efeito, que a primeira palavra deste ensaio é o fluxo, sendo a última a informação, que também é fluxo.

5. É na passagem de um pensamento preso da individualização, que é substancialista, a um pensamento agilizado pelo fluxo da individuação, cuja natureza é tensional, que situo *O apelo do objecto técnico*. A história do Ocidente tem sido sobretudo pensamento substancialista. Sujeito à lógica da identidade, estabilidade e autonomia, o pensamento substancialista valoriza aquilo que na história aparece finalizado em coisa ou estado de coisa, assenta no paradigma da visão e tem um registo epistemológico. Por sua vez, o pensamento da individuação inscreve-se na lógica da diferença e valoriza aquilo que na história aparece de um modo não finalizado. Funciona num registo ontológico e assenta no paradigma do fluxo, em que consistem a vivência, a informação, o movimento e o processo, e no paradigma da audição, que é som, ressonância, vibração, modulação, ritmo, cadência, relação, tensão, duração e memória.